

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Maria da Conceição Fontinha

registada em 2008-09-16
por

Carla Aguiar e Cláudia Simões

Maria da Conceição Fontinha

Maria da Conceição nasceu no Piódão, a 4 de Abril. A mãe era Rita da Conceição e o pai António Lopes. “Trabalhavam na agricultura naquele tempo.” Maria da Conceição teve um irmão. Na infância a sua vida “era só mato e lenha”. Foi à escola mas só fez a primeira classe. “Enquanto andava na escola ia para o campo, ainda trabalhar, guardar o gado.” Maria da Conceição trabalhou no Alentejo, nas invernadas, que duravam nove meses. “Era cavar nas vinhas, ceifar trigo e centeio, cortar cachos e apanhar a azeitona.” Casada há 50 anos, foi no Piódão que conheceu o meu marido. As casas eram perto e as famílias conheciam-se. Tiveram sete filhos, alguns saíram da terra.

Índice

Identificação Maria da Conceição Fontinha.....	4
Ascendência Rita da Conceição e António Lopes.....	4
Casa Uma casa no cimo da povoação.....	4
Infância "Famílias de sete e oito filhos".....	4
Educação "Até fazia as mãos em feridas vermelhas".....	5
Religião "Quem não fizer aquelas coisas nem pode servir de padrinhos".....	5
Casamento "Casada já há uns 50 anos".....	5
Percurso profissional Um trabalho sempre na agricultura.....	6
Costumes Festas e trabalho.....	7
Lugar O passado e o presente.....	8
Sonhos A sorte grande.....	10

Identificação *Maria da Conceição Fontinha*

O meu nome é Maria da Conceição. Nasci cá no Piódão a 4 de Abril. Tenho 76 anos.

Ascendência *Rita da Conceição e António Lopes*

A minha mãe era Rita da Conceição e o meu pai António Lopes. Os meus pais eram de cá do Piódão. Trabalhavam na agricultura naquele tempo. Iam para onde a gente tinha a fazenda "pia baixo"¹. Cultivava-se milho, feijão e batatas. Com o que a terra dava tínhamos o que comer. Era do que comíamos. Naquele tempo também tinham animais.

Eu tinha um irmão. Também trabalhava cá no Piódão. Já morreu.

Casa *Uma casa no cimo da povoação*

A casa dos meus pais, onde eu nasci e me criei, caiu já para o chão. Era no cimo da povoação. Chamam-lhe lá a Eira. Naquele tempo faziam-nas não era com cimento como é agora. Caiu para o chão, a gente já lá não vivia e ela pronto, acabou por cair.

Infância *"Famílias de sete e oito filhos"*

As brincadeiras era trabalhar. Naquele tempo não era como agora. Quando eram ainda pequenos, mesmo aqueles que iam para a escola, a vida da gente era só mato e lenha. Não havia fogões como há agora, nem aquecimentos. Era tudo à lareira. A gente gastava muita lenha. Tínhamos que andar todos os dias à lenha e as pinhas também. Quantas vezes, conforme calhava. Não havia estrada para cá, nem nada.

Naquele tempo havia muitos meninos aqui na aldeia. Do fundo do povo até ao cimo, as casas era tudo, tudo habitado. Famílias de sete e oito filhos. Não era como agora que têm só um. E outros não têm nenhum. Naquele tempo eram famílias muito grandes. Quando começaram a sair de cá para fora, que eram crescidos, cada um ia para seu lado. Para onde lhe convinha.

¹por aí abaixo

Educação "*Até fazia as mãos em feridas vermelhas*"

A escola era lá adiante ao pé da igreja. Era uma escola assim pequena. Só andei na primeira. Aprendi pouco, só da primeira para a segunda não podia saber muito bem escrever, nem ler. Escrevia-se numa pedra com lápis de pedra. Depois era também nos cadernos. Eu lembro-me. Aquela escola ardeu, mas mesmo que não ardesse não podia trabalhar. Já não havia alunos que chegassem. Já havia pouca gente.

Era uma professora. Naquele tempo não paravam cá as professoras. Ela ditava e a gente escrevia. Eu gostava dos ditados. A professora não ralhava com os meninos, só quando calhava com aqueles que eram maus. Era rapazes e raparigas. Esteve aí uma que batia, batia. Tantas reguadas eles levaram naquelas mãos. Até fazia as mãos em feridas vermelhas. Eles não faziam o que ela mandava e depois levavam. Senão não aprendiam.

Enquanto andava na escola ia para o campo, ainda trabalhar, guardar o gado. Umás vezes era mais perto, outras vezes era mais longe, conforme. Levava as cabras e as ovelhas.

Religião "*Quem não fizer aquelas coisas nem pode servir de padrinhos*"

Na altura da escola, era aos domingos que a gente ia à doutrina. Quem ensinava eram umas raparigas, mais velhas que a gente. Não me lembro de nada, mas fiz as comunhões, a primeira comunhão e depois a outra. Mais tarde a gente fazia tudo. Fazia tudo porque, ainda hoje, quem não fizer aquelas coisas nem pode servir de padrinhos.

Casamento "*Casada já há uns 50 anos*"

Estou casada já há uns 50 anos. Conheci o meu marido no Piódão. A casa dele era perto da minha. As famílias conheciam-se. Víamo-nos todos os dias uns aos outros. Ele nem cá estava nessa altura, tinha ido para Lisboa.

No meu casamento eu ia com uma saia castanha e uma blusa branca. Naquele tempo era em casa que faziam o comer. Era a chanfana e outros pratos de outra maneira. Não iam para restaurantes nenhuns, nem iam de branco. Levavam o fato normal que a gente vestia todos os domingos. Naquele tempo eram poucos convidados. Eram só os familiares que iam.

Tive sete filhos. Saíram alguns da terra. Um está cá e outro foi para Arganil.

Percurso profissional *Um trabalho sempre na agricultura*

"Se alguém mexia nalguma coisa apanhava"

Fui para o Alentejo. A gente dizia que era nas invernadas. Cada invernada durava nove meses e ganhávamos só 100 escudos, cada mês. Era cavar nas vinhas, ceifar trigo e centeio, cortar cachos e apanhar a azeitona. Era tudo o que era preciso e 100 escudos cada mês. Era pouquinho então! E é uma vergonha, que tinha lá fruteiras e nem a gente podia comer uma peça de fruta. Andava um guarda lá ao longe com uma roçadeira ao alto. Se alguém mexia nalguma coisa apanhava. A gente nem mexia, já sabia. A gente trabalhava, trabalhava e não ganhava, a bem dizer, nada.

"Aquele tempo Deus queira que ele cá não volte"

Continuei a trabalhar na terra depois de casada. Que remédio. Era do que a gente se governava naquele tempo. Era milho, feijão e batata. Era desde quando acordava. Tinha que me erguer logo de manhã. A gente andava por nossa conta. Tanto fazia ir mais cedo ou mais tarde. Quando era que andavam a ajudar para as outras pessoas é que era de sol a sol. Não era só por horas como agora, era de sol a sol que se trabalhava. Íamos ajudar quando calhava. Quando podiam. Havia quem cultivava terras que não eram deles, isso era terras de renda. Naquele tempo havia gente que era assim. Ficavam com tanto e davam o que pertencia ao dono.

Trazia tudo às costas e à cabeça. Ah, pois! Desde lá em baixo, até ao pé do Torno. Era mais de uma hora de lá para aqui e ainda nem havia estrada. Era por baixo pelo caminho. A gente chegava ali a um ponto e pousava, depois tornava a tomar o carreiro. Vinha assim naquilo. Era difícil, naquele tempo. Aquele tempo Deus queira que ele cá não volte!

"Não me dou nos carros"

Foi muita gente para fora. Para Lisboa a maior parte. A carreira ainda há poucos anos que a cá puseram e não é todos os dias, é só uma vez por semana. Só à quinta-feira. Não gosto de ir nos carros. Não, não! Eu não me dou nos carros. Nem gosto muito de passear porque não me dou nos carros. É uma doença para

mim. Só por doença é que a gente vai ao médico, ou a outro lado. Tenho que tomar comprimidos, pois enjoou. E depois quando cá chegava tinha logo que me meter na cama.

Agora, não posso já caminhar muito lá para longe. Ainda vou, mas agora lá longe já não posso. Tem que ser só aqui de roda do povo, cultivar umas batatas e umas hortaliças.

Costumes *Festas e trabalho*

"Pouca gente não pode fazer muito"

Os padroeiros é o São Pedro, lá em cima na capela, e na igreja é a Senhora da Conceição. Já ninguém sabe quando a igreja foi construída a primeira vez. Já há tanto, tanto ano. Até já foi arranjada, mais que uma vez.

A procissão é sempre em Agosto, no dia 15 ou 16. Eram os mordomos e o padre que resolviam as coisas. Porque havia muita gente e agora não há ninguém. Naquele tempo, havia muita gente, era melhor. Ia a cruzada, que agora já não fazem isso. Os fatos eram todos iguais e íamos uma carreira de baixo e outra de cima. Ia tudo. Nesse tempo, havia muitas senhoras das fogaças. Depois, as fogaças, botavam-nas a lanço e as pessoas lançavam. O dinheiro era para a igreja. Todos juntos, era uma festa bonita. Agora já não é nada como era. É menos gente. Pouca gente não pode fazer muito. Ainda mandaram vir conjuntos para aí, quando foi o dia 15. Fizeram lá um palco, ao pé da igreja, e lá é que fizeram a festa. Antigamente, era a música a tocar na procissão. Era muito bonita. Vinham, às vezes, de lá atrás das serras, de longe, se calhar a pé. Chamam Casegas, São Jorge. Vinham dessas terras daqui, de um lado e de outro. Quando chovia muito, às vezes, não podiam ir embora. Quando não havia transportes tinham que vir a pé. Eu nunca fui grande dançarina. Ouvíamos e víamos a procissão, íamos à igreja, à missa e pronto.

Quando era pelas Janeiras os miúdos iam pedir as Janeiras pelas casas. Agora ainda há quem faça.

"Com caldeirinha bota a água benta"

Noutro tempo quando era tudo cultivado, estas leiras, tudo por aí abaixo, no dia de Santa Cruz, dia 3 de Maio, iam pôr uma cruz nas fazendas. Depois houve pessoas que começaram também a pôr nas casas. É dos ramos bentos que

a gente leva no Domingo de Ramos à missa. São benzidos na igreja pelo padre. Ele vem pela igreja abaixo com uma caldeirinha e bota a água benta e benze todos os ramos "pia baixo"².

Lugar *O passado e o presente*

"Fazíamos broa, pois fazíamos"

O milho ia-se moer ao moinho. Havia muitos moinhos, eram tantos aí pela ribeira abaixo, agora não há cá nenhum. Depois a gente trazia a farinha e cozia no forno. Fazíamos broa, pois fazíamos.

A broa, amassava-a e tendia-a no forno. Ainda a fazia hoje se tivesse possibilidades. A farinha do moinho, às vezes, estava lá tardes inteiras. A que ficava debaixo da pedra não era amassada. Tinha a gente que a levantar com umas cunhas, para sair aquela farinha lá de baixo, para moer. Depois trazia-a para casa, peneirava-se, com uma peneira, e amassava-se. Estando lêveda é que ia para o forno. Para amassar tinha que ser com água quente e fermento.

Tínhamos um forno, que ainda é aqui, que era do povo. E havia aí mais de uns e de outros. A gente, às vezes, pedia a vez às pessoas para o usar e deixavam. Porque, às vezes, estavam duas e três a cozerem no mesmo forno. Tinha que a gente pôr o sinal para conhecer a broa. Então era conforme, cada uma fazia o seu para as saberem, para as estremarem. Uma fazia de uma maneira, outra fazia de outra, depois quando as tiravam é que as conheciam.

Receitas da terra

Antigamente ainda não havia restaurantes. Eram duas tabernas. Os homens, às vezes, nas tabernas é que jogavam. Jogavam às cartas, mas à malha aqui, nesse tempo, não jogavam. Havia comércio, vendia quem tinha. Vendiam mercearia, peixe não. Tinha que a gente ir às feiras buscar sardinha e peixe. A carne, todos tinham porcos. Quem tinha matava, cabritos e assim.

Aqui todas sabem fazer chanfana. A de borrego é igual à das cabras, é arranjada da mesma maneira. Quando é pequeno assam, quando já é maior tem que ser no forno. Guisado no forno. Serve-se com batata frita ou outras coisas.

²por aí abaixo

Os doces eram a tigelada e os pães leves. Eram uns bolos grandes, que a gente fazia nuns tachos muito grandes, também no forno, naquele tempo. A gente cá chamava assim. Diziam pão leve. Faz-se como o pão-de-ló.

A importância da electricidade

Andávamos aí às escuras por essa rua de noite. A gente nem via. Era com umas lanternas, depois apagava-se. Era tudo cultivado. A água andava dividida como anda agora e a gente tinha que ir com uma lanterna regar de noite. Era uma lanterna de azeite. Depois, quando às vezes andava com o sono, deixava-a cair.

Isto mudou muito. Tiveram que pôr os postes para ter luz. A gente primeiro não tinha luz e não tinha água em casa. Naquele tempo, para ir à fonte, para ir à água para fazer o comer e para o que é preciso, às vezes, longe de casa, sabe Deus como era.

Naquele tempo não havia máquinas era tudo lavado à mão. A que não ficava tão branquinha tinha que se pôr a corar ao sol com sabão e com um regador. Depois estando bom é que se torcia. Tinha que ser assim. Onde fizeram a piscina é que ia quase toda a gente lá lavar. Agora parece que se estragou lá tudo com a trovoada. Foi tudo pela água abaixo. Mas tem um tanque aqui ao fundo da povoação e vão lá lavar. Há outro mais para o cimo. Agora ainda se lava nos lavadouros quando querem.

Ofícios passados

Alfaiates havia-os aí. O médico vinha a cavalo de Avô para o Piódão. Demorava muito tempo. As constipações eram com ervas que se curavam, naquele tempo. Eram boas, se fossem más matavam as pessoas. Eram chás. No meu tempo, tinha as ervas aí pelos bocados, agora é só remédios da farmácia. Gostávamos era que cá viesse o médico ou pusessem cá uma enfermeira. Era para ser de 15 em 15 dias mas, às vezes, nem de mês a mês vem. Vem quando calha. Os medicamentos, se a gente precisa de um comprimido, tem que ir lá muito longe buscar as coisas.

O correio era lá em diante a Laurinda. Era ela e o irmão. Ia daqui a Pomares, a pé e, às vezes, com neve e tudo. E não ficaram a receber reforma nenhuma.

"Há casas à venda"

As portas azuis começaram a pôr assim, pronto, porque gostam da cor azul. Pois, é por gostarem dessa cor. É da cor do céu.

Vêm para aí muitos turistas. Eu gosto de ver gente. Vem quem quer. Os que quiserem comprar, há casas à venda. Aquelas pessoas que agora não precisam delas, vendem-nas.

A pousada não interessa nada à população. Para nós não nos adianta. Para mim é igual.

Sonhos *A sorte grande*

O meu sonho era que me saísse a sorte grande mas nós também não jogamos, também não pode sair. A gente tinha muito filho a quem o dar.